

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DE ENSINO E
AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

AVALIAÇÃO: DIFICULDADES E MUDANÇAS

CLEUMA FREITAS GOMES MARTINS

**FORTALEZA – CE
2003**

AVALIAÇÃO: DIFICULDADES E MUDANÇAS

CLEUMA FREITAS GOMES MARTINS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem pela Universidade Federal do Ceará.

**FORTALEZA – CE
2003**

Esta monografia foi submetida a análise, sendo parte dos requisitos necessários a obtenção o título de Especialista em Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida desta monografia é permitida desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Cleuma Freitas Gomes Martins

MONOGRAFIA APROVADA EM _____ / _____ / _____

Pe. Brendan Coleman Mc Donald
Orientador

AGRADECIMENTOS

A Deus pela presença constante em minha vida e por ser a rocha que alicerça meus projetos.

A minha família pelo imenso apoio que me deu.

RESUMO

O trabalho aborda a realidade do sistema de avaliação, aplicada nas escolas da rede municipal de Caucaia. Diante de uma sala, de no mínimo 37 alunos, o professor, com o entendimento do ato de avaliar, mas com pouco tempo para atender às particularidades de sua turma, acaba agrupando as dificuldades, trabalhando assim de forma geral e por fim resumindo sua avaliação aos períodos mensais e bimestrais com uma prova escrita, daí a importância de buscar um maior conhecimento sobre o significado da avaliação com as experiências vivenciadas na escola. A atitude de avaliar, como instrumento de aprendizagem é um desafio à ação pedagógica e não uma mera ação de atribuir e receber notas. Mesmo que haja educadores que defendam uma avaliação promocional tradicional e disciplinadora em nome de um ensino de qualidade, há de se perceber a grande necessidade de uma transformação, na construção do conhecimento como processo, onde quem ensina e quem aprende terão que ficar um de frente para o outro, para um balanço da tarefa conjunta a que se propuseram. A concepção e defesa de uma prática classificatória têm como consequência, a evasão escolar e reprovação de um grande número de alunos. Este trabalho tenta buscar soluções para esta problemática, rompendo com este modelo de avaliação classificatória, enfatizando o significado de uma avaliação formativa, assim introduzindo um novo encaminhamento para ultrapassagem do autoritarismo e de uma ação mecânica no processo avaliativo desta escola. O primeiro passo para esta transformação é dar ao processo de avaliação um novo sentido, isto é, transforma-lo em oportunidade para o aluno ler, refletir, demonstrar que tem recursos para abordar situações complexas. Resumindo, o aluno deverá demonstrar ter adquirido competência como estudante.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2. IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO	11
3. FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO.....	13
4. O PAPEL DA NOTA NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	15
5. A PARTICIPAÇÃO DO PROFESSOR NA DISTORÇÃO DA AVALIAÇÃO	17
5.1. Exame versus avaliação.....	18
5.2. Proposta para uma ação crítica.....	19
ANÁLISE DE RESULTADOS	21
CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS.....	25

INTRODUÇÃO

Constata-se que a tarefa de avaliar é um dos grandes problemas encontrados pelos professores.

O processo de avaliação tem se constituído um obstáculo no cotidiano escolar, onde vem sendo usado apenas como um meio de aferir conhecimentos, tornado-se um terrível momento de tortura e massacre para o aluno.

Observa-se que a avaliação escolar acaba sendo uma tarefa deslocada do processo de aprendizagem e dissociada da experiência do aluno.

No momento avaliativo da escola fica evidenciado o quanto à educação municipal vem deixando a questão sem a preocupação que a mesma merece. Pois quando no discurso cobram a qualidade no ensino, na sala de aula compete ao professor aplicar este sonho utópico e fazer um malabarismo para que toda sua turma tenha um aprendizado satisfatório.

O aluno vivencia diariamente um acréscimo de informações que são oferecidas a cada final de bimestre e só assim o professor vai avaliar se ele aprendeu ou não aquele conteúdo.

E as atividades desenvolvidas no dia-a-dia? Por que não avalia-las? A maneira que o aluno as realizou, a interação com o grupo.

Torna-se fácil enumerar regras e regras enfatizando a avaliação como um processo, que serve de ponto de partida para uma nova etapa, mas tudo isso acaba resumindo-se a uma prova escrita, e a nota, seja ela qual for num veredicto final.

De nada adianta esta mensuração indevida. Não serve como ponto de partida de uma nova etapa, apenas para apontar se o aluno aprendeu ou não ao responder aqueles testes estipulados.

Perde seu caráter construtivo de melhorar o desenvolvimento do aluno e passa a ser um instrumento autoritário, cujo objetivo é obrigar o aluno a estudar ou a punir o aluno que não estudou.

Avaliar tornou-se simplesmente um hábito de aplicar provas para atribuição de notas, para isso cria-se, semanas, dias e horários especiais. O que deveria ser um momento em que o aluno ansiasse, pois lhe seria dado toda ajuda necessária à sua recuperação, sejam técnicas ou psicológicas, passa a ser um período propriamente como o dia de seu julgamento, com um clima de medo e ansiedade.

O assunto de avaliação surgiu da grande necessidade de mudança que hoje se constata na ação educativa e dificuldades por quais passam os professores mediante a tarefa de avaliar os rendimentos escolares dos alunos, apenas numa condição classificatória.

A metodologia utilizada para auferir os resultados desta pesquisa, foi basicamente composta por levantamento bibliográfico com literatura pertinente ao tema amostragem de questionários e conservas formais e informais mantidas com alunos, professores de uma escola da rede municipal de ensino de Caucaia.

O questionário apresentado a um grupo de 30 alunos, escolhidos aleatoriamente, foi aplicado nos dias de prova, já que na escola, há uma semana específica para as avaliações. Aos diretores e professores foi dado um espaço de tempo para refletirem sobre o que se questionava e sua prática em sala de aula.

Muitos professores se questionam e buscam alternativas para uma metodologia de trabalhar a prática avaliativa, outros, porém, ainda se mostram indiferentes e alienados, aumentando o problema nas unidades escolares, com alunos, pais e direção.

A avaliação é muitas vezes um entrave na aprendizagem do aluno, levando-o até a repetência e a evasão escolar na rede pública de ensino.

O sistema de avaliação que vem sendo adotado nas escolas contém muitas falhas e pretende-se fazer uma reflexão crítica sobre o processo avaliativo, objetivando uma nova prática que ajude os professores na construção do saber e não continue sendo apenas uma repetição de um sistema educacional tradicional que só visa medir e testar o aluno.

A avaliação assume papel relevante no processo ensino – aprendizagem, razão pela qual tornou-se prioridade desse estudo. Daí o interesse em refletir este processo avaliativo, para buscar novas formas mais eficientes e eficazes de acompanhar no dia-a-dia o ensino e as possíveis mudanças qualitativas e atitudes comportamentais do educando.

Diante desta proposta apresenta-se na sua forma preliminar a necessidade de propor mudanças no processo de avaliação escolar, buscando assim uma melhoria na qualidade do ensino – aprendizagem do ensino fundamental.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação é a vitrine em que se exibem muitas contradições existentes na educação. Nela se revelam os paradoxos entre o plano da elaboração e o da realização, o dos grandes anúncios sobre os objetivos da educação e as exigências pragmáticas de rentabilidades confusas que obedecem a outros interesses. São dilemas práticos diante dos quais os educadores têm de tomar posição como única garantia de um agir consciente e comprometido que leva à busca de respostas. Diante deles, as soluções recebidas não bastam.

Por um lado, nossa compreensão atual dos processos da aprendizagem e da cognição mudou. Há novas formas de interpretar a aprendizagem e o papel que o aluno desempenha. Na raiz dessas formulações, a didática (crítica) nos diz que a avaliação é processo de indignação e de reflexão e ponto de partida para a ação, não ponto final de comprovações sobre dados passados. Necessitamos dela para compreender e para fortalecer os processos que desejamos gerar. Por outro lado, há uma pressão externa crescente por resultados concretos de qualidade. Isto se faz sob a aparência de um controle técnico que ultrapassa os limites da sala de aula. Pedem-se resultados palpáveis. Com eles, será possível comprovar a eficácia do sistema.

Trata-se de transformações paradigmáticas que vão além dos exames tradicionais. Isto escapa ao controle dos professores, ainda quando comprovamos que nesses propósitos inserem-se critérios de mercado que extrapolam os princípios pedagógicos. A avaliação educativa desempenha funções que distanciam de propósito de formação, e os usos que se fazem dela geralmente se prestam mais à exclusão e a seleção do que à formação e à integração.

Toda e qualquer avaliação devemos considerar como um momento inevitável de nossa cultura. O "julgar" e o "comparar", já faz parte da história do nosso pensamento e da estruturação do nosso raciocínio. O processo de avaliação integra o desenvolvimento de qualquer relação, principalmente aquelas que se estabelecem votadas para a conquista clara de algum objetivo.

A avaliação escolar vai adquirindo maior significado à medida que se articula como instrumento fundamental no projeto pedagógico, viabilizando o desenvolvimento e a construção do saber do educando.

A avaliação serve de informação para melhoria não só do produto final, mas do processo de sua formação. Permite ao professor adquirir os elementos de conhecimentos que o tornem capaz de situar, do modo correto e eficaz, a ação de estímulo, de guia ao aluno. A este último, então, permite verificar em que aspectos ele deve melhorar durante seu processo de aprendizagem.

Tomando como base referencial, alguns peritos conhecidos no assunto, este estudo apresenta estes autores com sua análise sobre a problemática da avaliação no contexto educacional.

De acordo com HOFFMANN (1991, p. 17) *A avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação.*

Como afirma HOFFMANN é preciso compreender a proposta da ação reflexiva sobre a avaliação da aprendizagem e isto exige dos educadores uma nova concepção do que é uma avaliação no processo ensino – aprendizagem.

Segundo LUCKESI (1996, p. 69) *Entendemos avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão.*

Como menciona o referido autor a maneira de utilização classificatória da avaliação serve apenas para legitimar a avaliação do aluno como um instrumento de ação contra a democratização do ensino, visto que ela não serve em momento algum

para auxiliar o avanço e crescimento do aluno, que somente com uma função diagnóstica ela pode servir para essa finalidade.

Com a ação classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frisador do processo de crescimento; com a função de diagnosticar, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, da autonomia, e da competência.

Segundo este mesmo autor, não basta saber que deve ser assim, é preciso fazer com que as coisas sejam assim.

De acordo com DEPRESBÍTERES (1989, p. 46) O conceito de avaliação da aprendizagem que tradicionalmente tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno necessita ser redirecionado, pois a competência ou incompetência do aluno resulta, em última instância, da competência ou incompetência da escola, não podendo, portanto, a avaliação escolar restringir-se a um de seus elementos de forma isolada.

Neste enfoque, desponta como finalidade principal da avaliação o fornecer sobre o processo pedagógico, informações que permitam aos agentes escolares decidir sobre as intervenções e redirecionamentos que se fizerem necessários em face do projeto educativo definitivo coletivamente e comprometido com a garantia da aprendizagem do aluno.

Sem dúvida, citando SOUSA (1997, p. 106) *Não é possível repensar a avaliação de forma isolada, pois ela reflete uma concepção de educação, de escola, de sociedade, sendo dela um reflexo.*

Assim, a avaliação desta metodologia pode indicar caminhos possíveis para redirecionar o modo de funcionar da escola para que o real sentido que vem assumindo a avaliação da aprendizagem no processo escolar aprofunde a discussão dos princípios e fins do processo avaliativo.

O sistema escolar gira em torno desse processo e tanto professores como alunos, se organizam em função dele.

Como escreve MORETO (1999, p. 96) *A avaliação da aprendizagem é um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas, ou seja, a avaliação da aprendizagem precisa ser coerente com a forma de ensinar. Se a abordagem no ensino for dentro dos princípios da construção do conhecimento, a avaliação da aprendizagem seguirá a mesma orientação.*

A finalidade tanto do ensino como da avaliação da aprendizagem é criar condições para o desenvolvimento de competências do aluno.

De acordo com PERRENOUD (2002, p. 51) *o importante é integrar avaliação contínua e didática, aprender avaliar para ensinar melhor e não mais separar avaliação e ensino considerar cada situação de aprendizagem como fonte de informações ou de hipóteses preciosas para delimitar melhor os conhecimentos e a atuação dos alunos.*

Não se trata de forma nenhuma, de tornar dessa forma a avaliação menos rigorosa e o ensino menos efetivo. Pelo contrário, é preciso que os critérios de desempenhos estejam bem estabelecidos, e o professor e a escola tenham um real compromisso com a construção do conhecimento do aluno. Só que contando com o próprio aluno. Fazendo este participar de sua educação. Fazendo-o conhecer-se perante cada dificuldade e buscar orientação com o

professor e a escola quanto a como avançar sua educação.

A participação do aluno na avaliação é a crença no indivíduo como ser humano autodeterminado, capaz de solidariamente construir seu destino. É a possibilidade de formar sujeitos com autonomia, o que é sem dúvida uma forma de promoção do ser humano, o que é essencialmente o significado da educação.

Uma das preocupações básicas daqueles que tradicionalmente pensam a respeito da avaliação é descobrir a fórmula técnica idealizada que meça com mais precisão e exatidão a quantidade de conhecimento acumulado. Não preocupa tanto o conhecimento assimilado do sujeito que aprende.

Também não importa sua capacitação para enfrentar futuras situações imprevistas e imprevisíveis, tarefas para as quais se requer uma inteligência criativa, crítica, prática, com capacidade de antever os riscos da tomada de decisões. As técnicas objetivas têm pouco valor explicativo para interpretar e calcular o caminho percorrido na aprendizagem.

Aqueles que pensam a avaliação a partir do interesse técnico dedicam-se com afinco à elaboração de provas objetivas, exames de resposta fechada, que possibilitem e assegurem a mensuração do êxito educativo.

No contexto escolar, simplifica-se a complexidade da própria avaliação educativa. Porém, com o recurso técnico, também se simplifica o processo de tomada de decisões que podem comprometer o professor e em parte dilui-se sua responsabilidade. Talvez resida nisso uma parcela da força e do atrativo desse modo de entender a avaliação. O professor precisa apenas seguir as normas que lhe são passadas, sem que se sinta obrigado a definir seu próprio pensamento nem a tomar uma posição pessoal diante do conhecimento e diante do sujeito que aprende.

De uma perspectiva crítica, questiona-se com esses recursos técnicos é possível alcançar os objetivos visados pela avaliação e, em sentido mais geral, pela educação. Para esta, interessa não apenas uma cabeça bem informada, mas também uma mente bem-organizada que incorpore globalmente outros níveis de formação, que vão do cognitivo ao afetivo, do pessoal ao social, do instrutivo ao educativo, dos valores morais ao interesse pelo pragmático. A educação tem a ver com a integração desses níveis. É uma questão central da educação e envolve a relações entre valores, teorias do conhecimento e poder na avaliação.

2. IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO

A avaliação está presente no nosso cotidiano e participa de todas as nossas ações. A todo instante estamos emitindo opiniões sobre as nossas atividades e as do que estão ao redor. Apesar de participar de toda e qualquer atividade humana, a avaliação é tema controverso. Discute-se bastante esse assunto, apesar das resistências de ordem econômica, política e social. Em todas as realizações humanas, as pessoas agem, pensam e sentem. As reflexões e discussões sucedem-se a todo instante com as pessoas realizando escolhas ou tomando decisões. Naturalmente, tudo isso acontece porque elas emitem prévio julgamento sobre as opções que lhes são apresentadas.

A emissão de julgamentos é realizada pelas pessoas sob diversas formas não só verbais como as não-verbais, em que o próprio corpo fala e expressa o que realmente está querendo dizer. Assim, a importância da avaliação torna-se mais clara quando se desenvolve nossa capacidade de captar os verdadeiros sinais, inclusive, os gestuais. Todavia, o material mais utilizado em pesquisa na área de ciências sociais (incluindo-se a educação) é a fala, o conteúdo, o discurso. Todos que lidam com essa área precisam trabalhar suas potencialidades na busca constante da verdadeira interpretação.

A avaliação é importante em toda e qualquer atividade humana e em todos os momentos. Estamos sempre aprendendo com a nossa experiência e com as dos que estão ao nosso redor. Na relação ensino-aprendizagem, ela reveste-se de uma importância maior, pois numa relação de aprendizagem, o professor deverá contribuir para que o clima de sala de aula seja favorável à abertura de novas experiências que vão ser discutidas e reelaboradas.

É importante avaliar, de forma adequada, todos os momentos da relação ensino-aprendizagem. Através da avaliação, existe a oportunidade de detectar as informações relevantes que refletirão na eficácia e eficiência das tomadas de decisões. Uma avaliação constante e contínua com suas informações sendo questionadas e refletidas redundará em novos dados relevantes e contribui para o aperfeiçoamento e o sucesso de novos programas. É no debate, no diálogo, no estudo e nas discussões que as informações vão sendo transformadas e esclarecidas.

O avaliador deve estar atento para aproveitar todos os momentos da prática pedagógica. Ele é um observador perspicaz e deve estar preparado para o registro das ocorrências que surgem no seu cotidiano. Com isso, vai formulando o seu banco de dados para depois aproveitar as informações pertinentes. Com a acumulação das informações, procede à discussão. Com base em interpretações, ele extrai novos conhecimentos.

Na sala de aula, a avaliação ocupa lugar de destaque e a preocupação pelo julgamento deve ser uma responsabilidade compartilhada. Diz-se isso, porque se sabe que uma avaliação feita de forma aleatória e sem levar em conta as reais necessidades do aluno, bem como seus interesses, valores e outros aspectos de seu comportamento, terão consequências negativas para o aluno e a gente vê isso nos altos índices de evasão e repetência escolar.

A responsabilidade e o compromisso do avaliador com o seu objeto de estudo: - a avaliação, devem ser fundamentais, a fim de evitar os desequilíbrios que se instalam no ensino. O professor cria seus instrumentos, elabora técnicas que permitam mais objetividade, observa a sala de aula e apresenta relatórios sobre o desempenho dos alunos. O aluno também pode envolver-se no processo, emitindo opiniões sobre o conteúdo da disciplina, as técnicas de ensino usadas pelo professor, a adequação da carga horária e o desempenho do professor em sala de aula. Todavia, mesmo reconhecendo a difusão e a utilidade das medidas em educação, o aluno e o professor

devem ter em mente que se trata de um instrumento, um meio para um fim e não um fim em si.

3. FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO

LUCKESI (1996: 91) vê o papel da avaliação em dois momentos que ele chama de modelos pedagógicos (liberal conservador e os preocupados com a transformação). Ele diz que no modelo liberal conservador, a prática da avaliação escolar é autoritária e exige controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros estabelecidos de equilíbrio social. A avaliação é classificatória e disciplina as condutas cognitivas e sociais do aluno no ambiente escolar. Já nas pedagogias preocupadas com a transformação, o autor mostra que a prática da avaliação visa ao estabelecimento da autonomia do educando pela participação democrática de todos. A avaliação é diagnóstica, avança e cresce ao invés de disciplinadora.

A concepção de avaliação que marca a caminhada de alunos e educadores, define essa ação como julgamento de valor de resultados alcançados. Daí, usar os termos, atribuído-lhes significados relacionados à prática avaliativa tradicional: prova, nota conceito, boletim, recuperação, reprovação etc. Deste modo, o professor cumpre penosamente um processo metodológico, e o aluno por sua vez, o avaliativo.

Avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento do professor, que estimula questionamentos formulados, facilitando assim o seu raciocínio, e a percepção da realidade em que está inserido o contexto avaliativo.

É tarefa do educador procurar inserir-se e integrar-se ao educando, como forma de entender o seu pensamento, e facilitar a aprendizagem, ou seja, procurar entender e estudar os conceitos dos alunos, auxiliando assim, o método de ensino do professor e obtendo conseqüentemente um melhor aprendizado.

Quando se pensa em avaliação, está se analisando meios capazes de assegurar evidências válidas sobre os comportamentos em seus diferentes níveis e manifestações.

O processo avaliativo consiste basicamente na determinação de quais objetivos educacionais estão sendo atingidos. Esta concepção de avaliação tem dois aspectos importantes. Um implica que a avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar comportamentos. O outro, pressupõe que a avaliação envolve mais do que um único julgamento inicial, e logo depois outros métodos são utilizados, para identificar as mudanças que podem ocorrer, na quebra de paradigmas educacionais.

As reais funções da avaliação deverão ser aquelas de informar e orientar para melhoria do processo ensino-aprendizado. Inicialmente tem a finalidade de informar alunos, pais e docentes, sobre as dificuldades e êxitos obtidos, e por outro lado, oferece oportunidade de desenvolvimento das diversas grades curriculares, ajustado-as às necessidades e dificuldades detectadas.

A não utilização ou a insipiência, no uso da avaliação formativa e da avaliação diagnóstica dentro da sala nos dias hodiernos, pode ser considerado um problema a ser estudado a posteriores com maior ênfase, porém, é preciso abordar neste trabalho a forma com que os professores são obrigados a usar a avaliação somática, e não a avaliação formativa e diagnóstica. A avaliação formativa, neste sentido, não tem como seu objetivo dar nota ou conceito ao aluno, mas descobrir e identificar dificuldades ou erros dentro do andamento do próprio processo da aprendizagem. Essas dificuldades podem aparecer nos objetivos, no conteúdo, e nos pré-requisitos, na metodologia ou nas estratégias, nos recursos humanos ou nos materiais, ou até na própria avaliação. O que se faz necessário aqui questionar é a forma de diagnosticar as falhas no processo ensino-aprendizagem, com o intuito de realimentar o próprio sistema de planejamento.

- » **Avaliação diagnóstica** – fim de verificar deficiências nos resultados de aprendizagens anteriores, domínios de pré-requisitos, etc.
- » **Avaliação formativa** – fornece dados e informações para melhorar o ensino e a aprendizagem, possibilita meios para assegurar o alcance dos objetivos previstos.
- » **Avaliação somática** – ao final de um semestre e a unidade de ensino; com vistas a classificar e comparar os resultados alcançados pelos alunos.

Lembra-se o pouco uso da avaliação diagnóstica, somente antes do início de cursos ou de períodos de instrução. A ausência desta forma de avaliação na sala de aula prejudica muitos alunos que tem dificuldades com a aprendizagem.

4. O PAPEL DA NOTA NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A associação limitada do ato de avaliar ao ato de atribuir uma nota leva a um desvio muito comum: reduzir a avaliação à mera atividade de elaborar instrumento de medida e obter escores fidedignos, a fim de classificar os alunos com pouca margem de erro. Nessa perspectiva há o grande problema de direcionar a aprendizagem apenas para o domínio de conteúdos de uma prova final de uma unidade de ensino. Para muitos professores, o processo formal (provas) e o informal (atividades diversas) são considerados estranhos entre si, dicotomizando o processo de ensino em medidas quantitativas e qualitativas, que, se integradas, possibilitariam uma visão global do desempenho do aluno. Enfim, valoriza-se os papéis, os registros, os procedimentos formais e não processo de incentivo a melhoria.

Muito se questiona se a avaliação pode ser representada com uma nota ou número numa escala de zero a dez ou cem pontos. Escrevendo sobre o uso de notas nos boletins escolares PINTO (1978, p. 49) perguntou.

Quem fica informado de quê? Os pais ou responsáveis pela educação, ao receberem um boletim de notas escolares, podem inferir seguramente o quê? Que o aluno não dá para matemática, que o professor não conseguiu ensinar, que no dia da prova o aluno estava enfermo, irrequieto, perturbado e se saiu mal nas respostas?

Uma classificação numa escala de dez ou em pontos pode significar qualquer coisa. Como escreve MC DONALD (2000, p. 28) aquele aluno que recebendo seu boletim, descobriu que tirou nota (5) em matemática. Essa nota cinco (5) significa o quê? Que aluno é inteligente, mas não estudou naquele período, ou que é pouco inteligente, com dificuldades, mas com grande esforço e persistência conseguiu aquela media, que o fez passar naquela unidade? Que no dia da prova do aluno estava doente ou perturbado e não conseguiu se concentrar na prova e por isso se saiu mal nas respostas? Que o professor não conseguiu ensinar matemática bem e que a confusão na mente do aluno é devida a esta inabilidade do professor em ensinar? De fato, aquela nota cinco (5) pode representar qualquer coisa!

É a nota que domina tudo; é em função dela que se vive a prática escolar.

Os professores fazem promessas de pontos a mais ou pontos a menos em função de atividades escolares regulares ou extras, que não estão essencialmente ligadas a determinado conteúdo. Como exemplo podemos citar o professor que diz: *quem não trouxe a tarefa de português completa, terá um ponto a menos na nota final do bimestre*. O que realmente tem a ver este ponto a menos com a aprendizagem na disciplina mencionada?

Durante o ano letivo, o que importa são as notas. Não importa como foram obtidas, nem por quais caminhos. As notas vão sendo observadas, médias vão sendo obtidas. O que predomina é a nota. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem.

As médias são mais fortes do que a relação professor-aluno, no que se refere à aprovação ou reprovação. Uma relação entre sujeitos: professor e aluno, passa a ser uma relação entre coisas: as notas.

A confiança mútua entre educador e educando quanto à possibilidade de reorganização do saber pode transformar o ato avaliativo em um momento prazeroso de descoberta e troca de conhecimentos.

E partindo da busca da concretização desses princípios, que HOFFMANN (1991, p. 81) aponta algumas linhas norteadas de uma avaliação mediadora.

Conversão dos métodos de correção tradicionais, (de verificação de erros e acertos) em métodos investigativos.

Privilégio a tarefas intermediárias e sucessivas, descaracterizadas de funções de registros periódico por questões burocráticas.

Compromisso do educador com o acompanhamento do processo de construção do conhecimento do educando numa postura epistemológica que privilegie o entendimento e não a memorização.

O objetivo do desafio que se enfrenta, quanto a uma perspectiva mediadora da avaliação é, principalmente, a tomada de consciência coletiva dos educadores sobre sua prática e assim direcionar a ação avaliativa no caminho das relações dinâmicas e dialógicas da educação.

5. A PARTICIPAÇÃO DO PROFESSOR NA DISTORÇÃO DA AVALIAÇÃO

A interpretação dos resultados na avaliação baseada em critérios é diferente da avaliação em normas. Suponhamos um aluno que tirou 8,0 numa prova. Na avaliação baseada em normas o significado da nota está relacionado à média do grupo. Na avaliação baseada em critérios, a nota representa uma porcentagem de alcance em relação aos objetivos estabelecidos.

Existem critérios em vários níveis de especificidade: relativos ao perfil do aluno, ao curso às unidades de ensino, aos objetivos e às questões de um teste.

Conforme afirma MC DONALD (2000) não há motivos pedagógicos na avaliação da aprendizagem dos alunos na sala de aula para se usar medidas como referência, normas. O correto é usar medidas com referência a critérios, deixando o aluno seguir seu próprio ritmo de aprendizagem.

Na correção de provas o professor não deve ser influenciado pela atuação de outros alunos com a mesma prova. O professor em sala de aula deve comparar o aluno com o seu próprio passado em termos de aprendizagem e nunca com relação aos outros. Comparar um aluno com dificuldades em aprendizagem com o melhor aluno da turma é causar este primeiro cair num desespero.

Quando um aluno em dificuldade em sua aprendizagem é comparado com o melhor aluno da turma, freqüentemente o primeiro fica desanimado e desmotivado. Porém, se um conceito ou nota é para motivar, então um alto conceito ou nota nunca deve ser garantido, mas sempre possível, e um baixo conceito ou nota nunca deve ser inevitável, mas, mais uma vez, sempre possível.

Há muitos professores bonzinhos e compreensíveis que somente dão notas altas. E muitos professores durões e incompreensíveis que somente dão notas baixas. Essas duas categorias de professores realmente não entendem como se aproveitar da motivação intrinsecamente contida na própria avaliação escolar.

O que ocorre na prática da avaliação educacional escolar é que dificilmente os professores definem com clareza, no ato do planejamento de ensino, qual é o padrão de qualidade que se espera da conduta do aluno, após ser submetido a uma determinada aprendizagem.

Assim sendo, se o professor quiser (e muitos querem), tanto poderá aprovar como reprovar arbitrariamente um aluno, devido ao fato de não levar em conta, com honestidade, padrão ideal de aprendizagem previamente estabelecido, que nada mais seria do que o mínimo necessário naquilo que está ensinando.

Outro problema seriíssimo na avaliação escolar e, infelizmente, bastante freqüente é quando a avaliação é usada como ameaça para controlar uma sala de aula indisciplinada ou para obrigar um aluno a estudar.

Sentenças como: anotem, pois vai cair na prova, prestem atenção nesse assunto por que na semana que vem tem prova, se não ficarem calados vão fazer uma prova surpresa, e outras que se equivalem, são indicadoras da maneira repressiva que tem sido utilizada a avaliação da aprendizagem. O resultado da ameaça pode ser um silêncio imediato e uma melhoria no comportamento dos alunos, mas a função da avaliação foi totalmente deturpada. O professor tem que ser pela força de sua missão, uma figura querida aceita e amada. Ameaçando alunos com provas difíceis ou, pior ainda, além de abusar seriamente de função da avaliação, apresenta a figura de um professor hostil, oponente e inimigo, que pouco entende de avaliação ou psicologia escolar.

É realmente triste ver a avaliação escolar sendo apresentada como um controle disciplinar, em lugar de ser uma apreciação acadêmica de um processo que consiste em fazer determinações qualitativas. Muitas vezes ao invés de seguir os aspectos significativos das disciplinas e dos elementos lógicos de uma aprendizagem,

são criadas verdadeiras arapucas para os alunos. Além disso, diz MC DONALD (2000), deve-se atentar para o perigo de preconceitos por parte do professor, que podem influenciar negativamente sua avaliação. Dentre esses preconceitos temos, segundo esse autor, os seguintes:

- a) **Preconceito de comportamento** – o aluno bem – comportado é preferido ao aluno mal – comportado, e conseqüentemente é bem mais considerado na avaliação;
- b) **Preconceito da estética** – o professor pode ser influenciado pela ordem ou limpeza de um exercício de pouco conteúdo, de tal maneira que esse exercício pode receber um conceito melhor do que um exercício de pouca ordem e limpeza, mas com um excelente grau de conteúdo; nessa perspectiva, um exercício digitado tem a probabilidade de merecer melhor avaliação do que um não digitado, mesmo que o conteúdo desse último seja de melhor qualidade; o mesmo ocorre com a letra; alunos com letra bonita têm, também a probabilidade de receberem melhores conceitos.
- c) **Preconceito por causa do cansaço do professor** – o professor avalia os exercícios corrigidos no início do seu trabalho com mais generosidade do que os exercícios corrigidos no fim do trabalho, quando ele está mais cansado e mal disposto para corrigir os exercícios.

Esta ênfase ao papel do professor não é o fato de considerá-lo o grande responsável, mas da perspectiva de que possa haver o crescimento do grau de consciência e o assumir do seu papel de agente histórico de transformação. A efetiva mudança de mentalidade vem articulada a uma mudança de prática. Pela sua prática o professor deve deslocar o eixo de seu trabalho: fiscalizar / medir / julgar = proporcionar a aprendizagem, ou seja, o maior objetivo do professor não deve ser o de saber o quanto o aluno sabe, mas sim o de garantir a aprendizagem de todos.

5.1. Exame versus avaliação

A simplificação técnica fez com que a avaliação ficasse reduzida ao exame, confundindo o instrumento (exame) com a atividade e com o objetivo da avaliação. O exame atenta contra a avaliação e contra o sentido e o valor da avaliação que pretende formar. Na tradição recebida, é muito comum a confusão entre o conceito (avaliação) e o artifício (exame). Nessa falta de clareza, confundem-se os fins: o instrumento decide o que é importante e o que é secundário quanto aos conteúdos de aprendizagem. Importa o que cai no exame. O que fica de fora é mero acessório. Conseqüentemente, o principal propósito de quem se submete ao exame consiste em superá-lo, porque só ele garante perante os outros o êxito na sala de aula. Conforme os rituais escolares, em primeiro lugar está o interesse em estudar em função do exame, das perguntas que podem cair no exame, acima do valor e do interesse dos conteúdos que se deve aprender. Nesse contexto, o exame determina o currículo.

As próprias formas pelas quais se exerce o controle sobre o que se aprendeu inibem, distorcem, desvirtuam a aprendizagem. Criam situações irreais, em que a ansiedade, a tensão, a desconfiança e o medo substituem a motivação para assegurar a aprendizagem. Impõe-se o papel sancionador e seletivo do instrumento sobre a intenção formativa da avaliação. O paradoxo salta à vista: a avaliação formativa está tão presente nos discursos quanto ausente nas práticas.

Contra essa tradição recebida, é preciso entender-nos contextos educativos, e não apenas instrutivos – que o exame é um meio, um artifício, nunca um

fim. É válido na medida em que informa e não obstrui, observa e não castiga, ajuda e não cria obstáculos, estimula e não restringe, libera e não submete. O exame será importante se o conteúdo das perguntas for importante. Será didaticamente formativo se os usos que se façam dele estiverem a serviço dos que aprendem.

5.2. Proposta para uma ação crítica

Para atuar de forma crítica e criativa, para tratar o aluno como pessoa que pode pensar criticamente e autonomamente, é preciso ser uma pessoa que pensa, que viveu a experiência do pensamento crítico e autônomo e que agora revela uma atitude criticamente construtiva com relação ao aluno.

Os fins que a educação persegue são um referencial permanente que deve orientar a prática. Não podem atuar do mesmo modo os que entendem a educação como inclusão ou como exclusão, como integração ou como segregação, como submissão ou como emancipação. Sem o referencial teleológico, qualquer ação empreendida pode distorcer o desempenho docente.

Como diz ÁLVAREZ MÉNDEZ (2002) é importante identificar a serviço de que e de quem está o esforço dos que ensinam e dos que aprendem. Isto exigirá que o professor posicione-se diante do conhecimento e diante de sua própria responsabilidade profissional. Esta é à base do compromisso moral com a ação. Se aposta é por quem aprende, a ação terá um sentido e um interesse muito diversos da ação daqueles que, alheios ao devir histórico, empenham-se em manter o *statu quo*.

Avaliar para aprender, eis a questão. A avaliação educativa tem sentido e é plenamente justificada quando está a serviço de quem aprende e assegura sempre e em todos os casos a correta aprendizagem mediante as devidas correções e as indicações pertinentes.

Este é um convite para indagarmos, como reflexão que instiga ações docentes moralmente exigentes, se a escola que queremos pode ser melhor que a sociedade que temos. Se a educação que queremos para nossos alunos é a melhor educação que queremos para nossos filhos. E se a sociedade que desejamos é a que necessita dos cidadãos que estamos formando hoje. O compromisso que decorra daí marcará o rumo das ações docentes.

ANÁLISE DE RESULTADOS

A preparação para fazer uma boa avaliação é inerente a ação educativa e indispensável ao educador para despertar no educando um estado psicológico de equilíbrio, segurança e espontaneidade para realização de suas atividades avaliatória.

Os questionários professores, diretores e alunos e com disponibilidade deram sua parcela de contribuição para a realização deste tão valioso trabalho.

Nas três escolas abordadas, houve perguntas, tais como: “vai acabar a avaliação?” “Avaliação é coisa chata!” “Prova deixa a pessoa nervosa” etc.

Por ser a avaliação bastante diversificada nas escolas percebe-se que não há uma linha de propósitos e objetivos na questão do saber o que e como avaliar. Aparecem provas somente com questionários às vezes com cinco (5) outras com dez (10) questões. Professores, analisam mais pelo lado cognitivo, salientando a falta de compromisso com o estudo e chegam a dizer: “Os alunos de hoje não querem nada”. “O nível da turma é muito baixo”.

Professores sentem a necessidade de constantemente fazerem uma reciclagem para renovar os conhecimentos, já que educação exige preparação, conhecimento é uma ação que requer precisão e base científica para evitar equívocos no trabalho.

É notável a diferença de trabalho em avaliação em uma das três escolas. Já existe um trabalho experimental forjando uma metodologia de ensino diferente na questão à avaliação, apresentando resultados positivos, exigindo mais compromisso dos educandos. As avaliações dão margem ao raciocínio, sem mais o uso desgastante do ato de decorar para dar uma resposta ao pé da letra, mas fazendo o aluno pensar, exercitar o raciocínio na compreensão e evocação das informações.

CONCLUSÃO

A problemática da avaliação é relevante na educação e deve ser concebida como parte imprescindível de toda atividade educacional. A avaliação deve mesmo se tornar o elemento medidor dentro do processo ensino-aprendizagem.

É possível, portanto, que num estudo verdadeiro da avaliação em educação, das considerações dos autores mencionados, da realidade formal e informal observada e registrada de alunos, professores e diretores, ajudarão a desenvolver progressivamente uma visão mais clara, determinando a proposta pedagógica de trabalho da escola, permitindo o uso de avaliações mais precisas do ponto de vista da valorização.

Ninguém pode iniciar um processo de trabalho antes que conheça o que está tentando fazer e que objetivos estão sendo procurados.

Os dados de pesquisa demonstraram que vários professores não apresentam um claro entendimento sobre avaliação escolar. Usam muito o termo avaliação, referindo ao ato de medir, outros ao ato de julgamento. Para outros reduz-se a teste. A falta de determinação e clareza entre professores quanto a função da avaliação tem suas implicações na prática da avaliação.

Certamente, este estudo refletiu claramente sobre o papel da avaliação no sentido de proporcionar aos educadores mais oportunidades de conhecimento para que possam desenvolver suas atividades.

Todos os aspectos abordados foram importantes e relevantes para uma proposta pedagógica mais coerente com a evolução do educando, o qual passaria a ser sujeito de sua aprendizagem.

O grande desafio é evoluir cada vez mais na concepção da avaliação diagnóstica, mais que uma prática de aplicar provas e atribuir nota que é um dos maiores problemas constatados no sistema de avaliação da escola citada.

Colocar em primeiro plano o sujeito que aprende procurando conhecer melhor com quem trabalha, aplicando uma metodologia que importa aprendizagem, em saber, portanto em descobertas, provocando no educando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor numa verdadeira intenção de conhecimentos.

Repensar a imagem que se faz da avaliação de “bicho papão” de avaliar, refletindo uma ação diferente, levando em consideração as capacidades do educando a serem desenvolvidas para responderem satisfatoriamente aos objetivos propostos pela escola

O educando é a meta maior daqueles que se dedicam a ação de educar.

A avaliação no contexto educacional não poderá ser uma ação estática porque é um ato que exige mudança. O sistema educacional precisa dar prioridade à formação dos educadores, estimular práticas renovadas, remunerar dignamente, para que a educação seja assumida com seriedade. Desta forma, se avistaria a grande distância que se observa entre a proposta pedagógica e as práticas educacionais; entre o que a escola pretende ensinar e o que os educandos são capazes de aprender.

Este estudo apresenta elementos essenciais para uma reflexão no sentido de ampliar os conhecimentos dos docentes e adequar suas práticas a uma ação coerente com o compromisso de enriquecer cada vez mais o saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVAREZ MÉNDEZ, J. M. Avaliar para conhecer, examinar para excluir. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DEMO, P. Avaliação Qualitativa. 2ª Ed., São Paulo, Cortez, 1988.
- DEPRESBITERES, L. O desafio da Avaliação da Aprendizagem: dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.
- HOFFMANN, J. Avaliação – Mito & Desafio. Porto Alegre, Educação e Realidade, 1991.
- LIMA, A. O. Avaliação Escolar – Julgamento x Construção. Petrópolis, Vozes, 1994.
- LUCKESI, C.C. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo, Cortez, 1996.
- MC DONALD B. C. Problemas na Avaliação da Aprendizagem Escolar. Educação em Debate, ano 21, nº 39, Fortaleza 2000, Imprensa Universitária.
- MORETTO, V.P. Prova – um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas. DP&A, Editora, Rio de Janeiro, 1999.
- PERRENOUP, P. Novas Competências para Ensinar. Artmed Editora, Porto Alegre, 2000.
- PINTO, L.C. Psicologia em Novos Temas. Rio de Janeiro, SEPA, 1978.
- RODRIGUES Pedro, CARDOSO Abílio, et alli Org. De Albano Estrela e Antônio Nóvoa Porto Editora, Portugal, 1989. Avaliação em Educação: Novas Perspectivas.
- SANT' ANNA, F. M. et alli Planejamento do Ensino e Avaliação. 11ª ed Sagra, Porto Alegre, 1989.
- SAUL, A.M. Avaliação Emancipatória. São Paulo, Cortez Editora, 1988.
- SOUSA, C. P. Avaliação do Rendimento Escolar. 6ª ed. São Paulo, Editora Papirus, 1997.

ANEXOS

ENTREVISTA – ALUNOS

Assunto – Avaliação Escolar

Nome:.....

Série: Idade:

Para você o que é avaliação?

1. Como é feita a avaliação em sua escola?
 2. Para que serve a avaliação que é feita com você?
 3. Você está satisfeito com tipo de avaliação feita em sua escola? Por quê?
-

ENTREVISTA – PROFESSORES

Assunto – Avaliação Escolar

Nome:

.....

Grau de Formação: Idade:

Série que leciona Anos de magistério

1. Para a você o que é avaliação?
 2. Como e quanto você faz avaliação com seus alunos?
 3. Qual a função da avaliação no processo ensino-aprendizagem de seus alunos?
 4. que critérios você adota para avaliar os alunos?
 5. Quais dificuldades você encontra na hora de avaliar adequadamente?
-

ENTREVISTA – DIRETORES

Assunto – Avaliação Escolar

Nome:

Grau de Formação: Anos
de Magistério Idade:

Função desempenhada na escola

1. Para você o que é avaliação escolar?
2. Que tipo de avaliação predomina em sua escola?
3. Qual a função da avaliação no processo-aprendizagem de sua escola?
4. Qual o verdadeiro significado da ação avaliada no processo educativo?
5. Quais as principais dificuldades enfrentadas pela escola no que diz respeito à avaliação da aprendizagem dos alunos?